

Militantismos de um coração selvagem

Militantism from a wild heart

Katia Aguiar

Universidade Federal Fluminense

DOI: 10.12957/mnemosine.88602

Mais uma vez Heliana nos chama. Um chamado a compor, a estar junto, a dizer a verdade. Foi com ela e por ela que aceitamos, comparecemos e dissemos de nossas impressões, relevos e nervuras, no compartilhar das varrições de uma vida. Depois do encontro presencial que se fez evento, pensado e proposto por um cuidadoso arranjo afetivo, depois de estarmos juntas/os a celebrar, partilhando o dia (o seu dia de aniversário) com tantas e diversas histórias, penso que se terá confirmado o que sempre foi desafio em suas convocações: o desafio de coletivizar na diferença. Entre tantos, entretantos, e tantos entres... curiosa possibilidade de sustentar amizades tão diversas, tão ímpares, por vezes antagônicas em suas posições.

Convidada a compor a modulação militância, me peguei acordando memórias, puxando fios que me levam para um tempo distante, de muita proximidade e partilha. Trocando lembranças com queridas amigas em conversas que não só ativaram em nós a vitalidade de nossas juventudes, mas de toda uma época, o final dos anos 70 e os intensos anos 80.

Poderia seguir nas memórias, mas aqueles tempos sugerem histórias pouco conhecidas que retomo aqui como devaneios, pequenas passagens. Jovens, nos conhecemos num curso de Psicologia, ela professora, eu estudante. Heliana iniciara no magistério superior fazia pouco tempo. No primeiro contato, em 1977, numa sala de aula, lembro do susto ao encontrarmos um quadro de giz que ela havia preenchido inteiramente, antecipando-se a nossa chegada, com a sua letra miúda e nítida. Muito pouco entendíamos do que Heliana nos falava sobre Teorias e Sistemas em Psicologia, mas era interessantíssimo ouvi-la falar. Algumas vezes sorria de nossas dúvidas nos levando a entender o que havia pensado e exposto por outros caminhos. Ao final de cada aula, o chão era um tapete de guimbas de cigarros Hollywood. Desse tempo, veio a brincadeira de chamá-la “minha primeira mestra”, ao que ela respondia

com um carinhoso “minha primeira aluna”. A qualidade da relação nos constituía literalmente, instaurando uma cumplicidade que se fez persistente às intempéries do mundo. Apesar da gentileza atenciosa que conduzia suas relações, ela sabia bem dar aos que chegavam, uma distância ótima de sua vida pessoal. Naquela época, era impensável, por exemplo, vê-la cercada de estudantes, especialmente fora dos limites da universidade, uma prática que foi se fazendo, tornando-se uma marca nos anos de UERJ.

O desempenho político, a ação na busca por transformações de certos contextos de trabalho como professora (o que podemos nomear militância) teve na amizade uma condição basilar. Era difícil encontrar Heliana que não fosse a partir de mobilizações pelas ressonâncias, pela vontade de estar junto, ensaiando um comum tensionado nos consensos, sugerindo rupturas aos assembleísmos. Lembro da sua presença intensa em sala de aula, da sua importância nas discussões para a construção de novos currículos e no movimento docente, alinhados às práticas de liberdade do pensar e ao exercício da pactuação na diferença. As lutas eram tramadas nas reuniões e se estendiam nos bares, nas conversas de corredor, nos almoços de cozido mineiro em algum sábado, na casa da Vera e do Carlos. Foram companheiras/os naqueles tempos, dentre outras/os, Vera Lúcia Souza, Ana Maria Jacó, Francisco Caminha, Jane Russo, João Ferreira da Silva.

Num tempo mais adiante, algumas das muitas questões que atravessavam e ainda atravessam a formação psi e que foram movedoras de debates e de estudos entre professoras/es e estudantes, apareceram num artigo provocador que interpelava os modismos do momento em torno do termo instituição, se propondo a explicitar discursos e âmbitos de seu surgimento - histórias e intervenções concretas. Entre as inúmeras elaborações conceituais e argumentações a desacomodar certezas nas práticas profissionais, uma ideia-força a respeito da Análise Institucional que nunca mais esqueceríamos:“(...) a questão formulada à Análise Institucional não é respondida unicamente por intervenções concretas bem sucedidas, mas sim por engendrar entre psicólogos indagações necessárias sobre nossa profissão enquanto *instituição*, sobre seu surgimento histórico datado, sobre nosso lugar de perícia no contexto social, em suma, sobre nossa implicação na prática e na investigação” (RODRIGUES; SOUZA, 1987, p. 28).¹

¹ O artigo intitulado A análise institucional e a profissionalização do psicólogo, foi escrito com Vera Lúcia Baptista de Souza, amiga e companheira de trabalho docente na Universidade Santa Úrsula. Está no livro *Análise Departamento de Psicologia Social e Institucional/ UERJ*

Estar por perto e partilhar suas incertezas, desafetos e criancices (por vezes irritantes!), ajudavam a me afastar de uma certa mitificação que rodeava a sua pessoa e me aproximavam das bagunças, fragilidades e gostos mundanos que, com frequência, nos salvavam das duras violências dissimuladas num regime ditatorial em tempos de abertura lenta e gradual. Eram tempos obscuros, ainda tempos de calabouços e também, arrisco, eram tempos de deslocamentos, de novas apostas e ambientações políticas, profissionais e amorosas para Heliana. Ela se envolveu em nova relação amorosa, investiu na ideia de uma formação psicanalítica fora das escolas tradicionais e enfrentou bravamente a mudança de moradia. Sim, a mudança de moradia foi um enfrentamento, repleto de amorosidades é certo, mas um enfrentamento. A casa antiga foi inteiramente raspada deixando expostos problemas inadiáveis, convocando a presença de Heliana quase diariamente e tirando-a do sério. As raspagens também traziam preciosas descobertas, como as madeiras nobres das janelas e da escada, essas eram sempre motivos para festejar, uma alegria! A presença de sua mãe foi imperiosa nesse momento, forçando realizações com seus gestos simples e firmes em seus propósitos – o que nem sempre era vivido com tranquilidade. Heliana traçava caminhos, deixava rastros de suas trajetórias, tendo sua companheira Denise (Brasil), uma importância central nas tonalidades de cada movimento: no incentivo, no compartilhar de caminhos e de estudos, no cuidado amoroso da relação, das amizades, dos cães, da casa.

A casa é hoje uma importante nota de memória. A mudança de Copacabana para a casa da Urca, marcou um momento de inflexão na vida de Heliana e de todas nós. Um modo outro no exercício da amizade, um tanto diferenciado do que eu havia acompanhado até então, marcado pela circulação por grupos mais restritos e guardando a tal distância de sua vida pessoal. A casa alargou seu espaço pessoal e alargou a vida, foi se tornando um lugar de festas, um lugar onde encontrar, conversar, pernoitar, estudar, cantar (íamos de Cauby a Alberta Hunter; de Catulo a Belchior numa tarde!) Uma casa que, (semi)aberta, fazia conviver vidas diversas, trocas intensas entre o que já sabíamos e o que ainda precisávamos saber, em especial sobre nossa própria experiência de coletivização. Amizades forjadas no trabalho, mas também aquelas que se fizeram fora dele.

As lembranças chegam e não são só minhas – Denises, Tánias, Jannes, Veras, Elianes, Bel, Vilmas, Ritas, ... - como a gente se movia no cenário nos anos 80, o que era permitido e o

Institucional no Brasil, organizado por Vida Kamkhagi e Osvaldo Saidon, publicado pela editora Espaço e Tempo, em 1989.

que não era permitido pensar, como fomos criando espaços e rachas naquela realidade para viver, estudar e falar daquilo que não deveria ser pensado e falado. Foi o momento da chegada de contribuições (práticas) de autores-pesquisadores no Brasil. Foi o tempo da Análise Institucional, de movimentos (anti)institucionalistas, de revisitas a Marx, de problematizações entre o Cotidiano e a História, de novas aproximações com a própria História.

Foram tempos de IBRAPSI. Eu não fiz o curso de formação, apenas o preparatório e aulas avulsas, sempre que me interessavam. Foi um espaço de convivência e de estudos importantíssimo para mim. Eu fazia mestrado na PUC, já trabalhava e pesquisa com mulheres nas favelas do Rio de Janeiro, e fazia complementação de renda na cantina do IBRAPSI. Na cozinha, onde tudo ou quase tudo acontece, lugar privilegiado para conversar e saber das instituições; lugar de encontro com pessoas que se tornariam pouco a pouco referências nos movimentos (anti)institucionalistas no Brasil. Não sei em que ano resolvemos estudar História, achávamos que o modo que tínhamos estudado história do Brasil não nos servia. E fizemos um grupo com um querido professor (Oscar Campos Lopes parceiro de estudos de Rubim Aquino), irmão de uma das figuras mais emblemáticas do IBRAPSI, a quem não vejo faz muito tempo, Alice Lopes. Alice foi central nas nossas vidas, organizando festas, agregando pessoas, articulando estratégias de combate a qualquer forma de elitismo. Contrabandeando textos, desarticulando grupelhos, sugerindo alianças e co-laborações, estava sempre atenta e disposta a uma nova leitura, uma boa discussão, uma carona em sua moto. Foi muito próxima à Heliana, chegando a morar um tempo na casa da Urca, quando nomeou os camundongos que vez ou outra apareciam de família Lopes. Nossa convivência foi sempre de muita alegria, música, poesias, estudos e discussões sem fim. Do que eu possa lembrar, não tínhamos mesmo a ganância das resoluções ou da última palavra, nosso tesão estava nos argumentos, na tensão da discussão que podia nos levar da raiva à ternura, sem perder o tom da amizade.

Nosso grupo de estudos de História acontecia às sextas-feiras, depois que terminávamos a semana de trabalho, catávamos as cervejas sobradas no freezer da cozinha do IBRAPSI e íamos estudar e nos divertir. Inventar versões para a História, investigar histórias, fofocas palacianas e até fazer teatro: fizemos a leitura teatralizada da obra “A Vida de Galileu”, de Bertolt Brecht. Com tom de comédia, a peça narra parte da biografia do astrônomo e matemático Galileu Galilei e nos convidada a fazer conversar arte, ciência, humanismo,

verdade. Nós éramos bem felizes, concluiria Heliana recentemente, quando lembrávamos nossas peripécias naqueles anos.

Embora economicamente a década de 80 seja considerada economicamente uma década perdida, foi uma década de muita vitalidade cultural e política. Em nossos pequenos coletivos circulávamos por aí, pelos eventos em outras cidades, como Ouro Preto; frequentávamos shows de música, peças de teatro – era possível pagar! Esses múltiplos contatos com as artes foram, certamente, um ingrediente importantíssimo na abertura de nossas sensibilidades e na elaboração do terror que pairava sobre nossas cabeças; os shows eram quase intimistas, nos colocando olho no olho com artistas. Viagens loucas. A política estava em questão, tanto nos partidos (construção lenta e intensa do PT), quanto nas lutas antimanicomial, pela terra, pela moradia. Animadas pelas conversas desafiadas sobre o livro “O que é isso, companheiro?”, lançado em 1979 por Fernando Gabeira, ou pela convocação de campanha já em 1986 do “Abrace a Lagoa!”, quando entre 100 mil pessoas re-unimos amigas e antecipávamos nossa proximidade com as Ecologias propostas por Guattari. Tempos de debates férteis entre verdes e vermelhos que nos uniu também a 80 mil pessoas no “Fala Mulher” no Centro do Rio, afirmando o meio ambiente, as drogas, o aborto e o casamento gay, como temas urgentes para o debate.

Ativações também dos debates sobre a formação e as práticas *psi* no Brasil, na América Latina, tema que acompanhou Heliana, modulando percursos na docência e na pesquisa.

Com interesse na potência das práticas grupais e animada por sua experiência de formação no IBRAPSI, Heliana propõe um projeto de monitoria inédito que unia a teoria e a técnica de Grupos Operativos às aulas de Epistemologia Genética de Jean Piaget. As aulas expositivas tinham textos de referência indicados com antecedência à turma e duravam 1:30h, seguida de discussões em pequenos grupos com o mesmo tempo de duração. A partir das discussões, dúvidas, dificuldades e destaques eram encaminhadas à professora que as tomava como matéria da aula seguinte. Os grupos coordenados por nós, monitoras, foram uma aposta em ato na confluência entre um pensar e um fazer de outro modo a formação e mobilizou o interesse de muitas/os estudantes que passaram a disputar as vagas na disciplina optativa, interessadas/os na experiência de mudança na relação com os estudos relatada pelas/os colegas. Nos encontros com o grupo de monitoras, leituras dos livros de Pichon-Rivière sobre teoria e

técnica de Grupos Operativos, além de análises coletivas dos processos experimentados em cada grupo de aprendizagem.

A presença de Heliana foi sempre uma entrada diagonal que não pretendia por princípio confronto direto, mas que se deliciava pensar-imaginar torções nas cenas instituídas, investidas que poderiam minar monopólios de saber, desmontar podres poderes, produzir outros possíveis. Penso que essa foi a qualidade de sua presença por onde passou.² Num fio puxado de nossas implicações e de suas implicâncias, consideradas no artigo já referido, a interpelação ao nosso encargo social, intercedida pelo careca, teve ampliado o seu campo de análise oferecendo novas problematizações à formação psi e à Análise Institucional entendida como: “projeto desnaturalizador das problemáticas; projeto de um *ethos* em que o prático não busca uma “identidade”, um “tornar-se o que se é”, “uma autenticidade”, mas sim, através de seus conceitos e modos de intervenção, uma trans-formação...”(RODRIGUES, 1994, P.35).³

Apontamento precioso para pensar o presente, quando identidades e epistemologias ganham o centro da cena e alimentam estratégias micropolíticas. Poderíamos seguir puxando outros tantos fios na memória de tempos mais recente, quando entre os horrores da pandemia e os estragos fascistas, nos encontrávamos em frente a telas. Foi um período duro que intensificou suas trocas de mensagens. Fui até elas curiosa, escolho e trago uma passagem que é bem Heliana. Eu escrevo: – ...discordando das análises correntes, insisto que o Brasil é para amadores! E ela comenta: - sim, para amadores...- mas como está difícil amar, ainda, essa terra, com tanta corja a habitá-la.....haja amor!

Eu não estou interessado em nenhuma teoria
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
Nem em tinta pro meu rosto, ou oba-oba, ou melodia
Para acompanhar bocejos, sonhos matinais

Amar e mudar as coisas me interessa mais
Amar e mudar as coisas
Amar e mudar as coisas me interessa mais⁴

² Universidade Santa Úrsula, Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições (IBRAPSI), Núcleo de Análise Institucional, Centro Internacional de Investigación en Psicología Social y Grupal (CIR), Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

³ Artigo Do Psi ao Genealogista – algumas contribuições Foucaultinas para uma transformação, publicado em Cadernos de Psicologia, nº2, RJ:Instituto de Psicologia/UERJ, 1994.

⁴ Alucinação, música de Belchior, cantor e compositor que Heliana curtiá demais.

Kátia Aguiar

Psicóloga, Educadora Popular, Professora e Pesquisadora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, linha de Pesquisa Psicologia, Política e Exclusão Social.

E-mail: katiafaguiarpsi@gmail.com